

1 Introdução¹

A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica (Freud).

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro (Freud).

A inegável falta de coesão do campo teórico e clínico da psicanálise não cessa de provocar questões importantes. Desde seu nascimento, a psicanálise conviveu com dissidências. Embora Freud sempre tenha insistido no caráter inacabado da teoria e na necessidade de aprofundamento e clarificação futura de seus conceitos, ele não estava disposto a aceitar modificações que comprometessem os principais pressupostos da doutrina². Enquanto vivo, cuidou para que aqueles, como Adler e Jung, em cujas construções não se encaixavam as pedras angulares da teoria, fossem afastados. E tolheu, na medida do possível, os discípulos e colegas, como Rank e Ferenczi, quando desenvolveram idéias muito divergentes. Após sua morte, contudo, garantir a unidade do campo psicanalítico tornou-se tarefa mais complicada. Se, por um lado, a crescente heterogeneidade de orientações complexificou e ampliou a extensão do campo psicanalítico, enriquecendo a teoria e a clínica, por outro, também dificultou o entendimento entre as diferentes correntes.

Na psicanálise contemporânea, portanto, convivem, de forma relativamente independente e protegida, um grande número de teorias que, quando se encontram, parecem mais propícias ao embate do que ao debate. Já em 1975, Green contestava a possibilidade de falar da psicanálise no singular, alertando para o risco de uma possível babelização do campo psicanalítico. De fato, alguns desenvolvimentos e remanejamentos ao longo da história da psicanálise foram tão extensos que o emprego de um termo ou conceito em uma

¹ Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora. Os grifos nas citações, exceto quando indicado, obedecem à forma original.

² “A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista” (Freud, 1923a, p. 264).

corrente pode adquirir uma significação completamente diferente em outra. O conceito de pulsão é um dos melhores exemplos deste tipo de problema, pois foi em torno dessa noção que se operaram as revisões mais marcantes da teoria e da técnica psicanalítica. A teoria das pulsões foi, ao mesmo tempo, um dos pilares da psicanálise mais criticado, e mais ferozmente defendido, e nunca deixou de ser constantemente remanejada, tanto pelo próprio Freud como por toda psicanálise pós-freudiana.

Pode-se dizer que a controvérsia em torno da idéia de pulsão de morte constituiu um dos principais desencadeadores da pluralização de alternativas e posicionamentos. Em relação à segunda teoria das pulsões, é de se notar que nenhum dos sistemas teóricos pós-freudianos segue à risca o conceito de pulsão de morte³. Mesmo Melanie Klein, que o adota abertamente, parece concebê-lo apenas sob o aspecto da agressividade, diferindo da proposta de Freud. Além disso, não é claro se a pulsão de morte que ela concebe é psicológica ou biológica, embora os kleinianos tendam a abordá-la de forma psicológica, enfatizando a fusão das pulsões de vida e de morte em diversos graus, sendo importante perceber na clínica quando cada uma predomina. Ferenczi, por sua vez, reconhece os efeitos mortíferos da pulsão de morte, mas parece atribuir-lhe um papel não constitucional, enquanto Winnicott recusa veementemente o conceito, embora lide, na maior parte do tempo, com casos nos quais há um verdadeiro fator anti-vida operando no sujeito. Um autor como Laplanche propõe um monismo pulsional no plano psicológico, sendo a sexualidade psíquica a única pulsão, dividida em pulsão sexual de vida ligada e pulsão sexual de morte não ligada. Já para Green, a oposição entre pulsão de vida e de morte está em seus representantes, ou seja, em suas manifestações nas relações objetais: enquanto função objetalizante (ligação), e desobjetalizante (desinvestimento).

No que se refere à idéia de pulsão propriamente dita, cabe ressaltar que, na renovação do campo psicanalítico⁴, há objeções que se referem a aspectos pontuais da noção e outras que colocam em causa a validade de sua utilização, enquanto modelo explicativo do funcionamento psíquico⁵. Neste último caso, para citar apenas duas destas objeções, encontram-se a perspectiva hermenêutica e a perspectiva interpersonalista. Ambas abandonam o conceito de pulsão junto com toda a concepção metapsicológica. A primeira, que tem em Ricoeur um de seus representantes, recusa qualquer teoria explicativa

³ Cf. Rechartd e Ikonen, 1998.

⁴ Trata-se aqui de um panorama geral que não pretende esgotar a riqueza de posicionamentos das diversas correntes psicanalíticas em relação à teoria pulsional e ao conceito de pulsão.

⁵ Cf. Souza, 2000.

naturalista já que, em realidade, a psicanálise só teria acesso ao sentido, isto é, ao conteúdo das representações e sua carga afetiva. A segunda, representada por Schäfer e Spence, entre outros, também defende a psicanálise como disciplina interpretativa e não enquanto uma ciência natural, opondo todo modelo explicativo a uma teoria clínica (Widlöcher, 1996). O posicionamento mais radical em relação à pulsão é justamente o das críticas de inspiração personalista, que ganham cada vez mais hegemonia no movimento analítico americano.

Entre os que apenas restringiram o alcance da teoria pulsional freudiana estão os psicanalistas das teorias da relação de objeto, que propuseram uma dimensão não-pulsional da experiência psíquica como mais primordial para a constituição do psiquismo. A renovação proposta por autores como Fairbairn, Balint e Winnicott partiu da clínica, da necessidade de dar conta de configurações psicopatológicas consideradas por Freud como não passíveis de serem tratadas pelo método psicanalítico, e culminou na valorização do papel do ambiente e no interesse pelo desenvolvimento primitivo do indivíduo.

Nas últimas três décadas, no meio psicanalítico francês, no qual a teoria pulsional e a metapsicologia guardam toda sua força, encontram-se tentativas de articulação da teoria da pulsão com a teoria da relação de objeto⁶. Embora adotando posicionamentos diferentes, autores como Anzieu, Fédida⁷, Widlöcher, Green, Roussillon e Golse, entre outros, assumem um papel importante no desenvolvimento de uma psicanálise contemporânea bastante interessada pelas diversas linhas pós-freudianas. A presente tese segue esta orientação, ou seja, busca examinar as conseqüências da revisão da teoria pulsional operada pelos teóricos da relação de objeto, mais especificamente por Winnicott, articulando-a com a leitura de autores franceses, em especial Green e Roussillon, que procuram enriquecer a perspectiva pulsional com a teoria da relação de objeto.

Dessa forma, o primeiro capítulo contextualiza o conceito de pulsão: a origem popular da palavra e seus usos, apresentando em linhas gerais seu espectro semântico na língua alemã; e também sua gênese enquanto conceito, na filosofia do século XVIII, enfatizando sua anterioridade e independência em relação à psicanálise. Ainda neste mesmo capítulo, a evolução da teoria da pulsão em Freud é abordada, com especial relevo para a reação negativa de parte da comunidade analítica à introdução do conceito de pulsão de morte.

⁶ Há autores, como Greenberg e Mitchell, que não concordam com essa articulação. Para eles uma tentativa desse tipo apenas acarreta distorções fundamentais no conjunto de conceitos e pressupostos que sustentam cada uma das teorias, a pulsional e a da relação objetal. Cf. Greenberg e Mitchell, 1994.

⁷ Fédida e Anzieu, já falecidos.

Além disso, foi importante demonstrar que o discípulo mais criativo de Freud, Sándor Ferenczi, seguindo as pistas da compulsão à repetição na clínica, abriu o caminho para um novo campo possível de trabalho clínico, além das psiconeuroses. Salientou-se também que sua sensibilidade clínica frutificou, anos mais tarde, em um grupo original de psicanalistas na Inglaterra, o chamado Grupo do Meio ou dos Independentes, do qual Winnicott pode ser considerado o principal representante.

No segundo capítulo, a obra de Winnicott é apresentada tendo sempre como referência o lugar que a pulsão ocupa em seu pensamento. Procurou-se clarificar, na medida do possível, o emprego muitas vezes pouco rigoroso que este autor faz de termos como força vital, instintos, necessidades, impulsos, os quais, em realidade, possuem implicações muito diferentes. Além disso, foi necessário mostrar que, em Winnicott, as pulsões não desempenham um papel primário na constituição da experiência do sujeito; elas ganham relevância apenas após um primeiro momento não-pulsional da experiência, cuja principal realização se refere à provisão da continuidade da existência por parte do meio. A primeira parte desse segundo capítulo apresenta e examina este momento, através dos conceitos de integração e da idéia de *self* como emergência. Ainda com o objetivo de delimitar o lugar do pulsional em Winnicott, as temáticas da agressividade e criatividade primárias e a distinção que o autor estabelece entre os estados tranqüilos e excitados foram trabalhadas. O capítulo é concluído com algumas reflexões a respeito do livro *Natureza humana*, no qual Winnicott faz afirmações importantes sobre as pulsões. Sempre que possível, chamou-se atenção para os momentos em que seu pensamento se aproxima do de Ferenczi.

No terceiro e último capítulo, a partir de autores mais recentes, e ainda tomando Winnicott e Ferenczi como referência, as oposições entre teoria da relação de objeto e teoria da pulsão e, na clínica, entre *holding* e interpretação foram questionadas. Através de uma problematização das perspectivas intrapsíquica e intersubjetiva da constituição da subjetividade, procurou-se salientar a riqueza de se pensar a interdependência desses dois campos. A partir dessas constatações e da idéia de que pulsão e intersubjetividade não constituem paradigmas necessariamente opostos, foi apresentada a reformulação da teoria pulsional empreendida por Laplanche. Mas como a revisão proposta por este autor concerne mais especificamente ao campo das neuroses, a última parte deste capítulo dedica-se também a pensar os avanços da psicanálise no estudo e tratamento de estruturas não-neuróticas. Através das

contribuições de autores como Green e Roussillon, procurou-se indicar como, cada vez mais, cabe à psicanálise contemporânea a tarefa de explorar essas dimensões em conjunto, pulsão e objeto, interno e externo, para além do modelo freudiano.

Por fim, é importante notar que o conceito de pulsão funciona como uma espécie de ponto de corte, a partir do qual se pode obter uma amostra das diversas correntes que se constituíram ao longo da história da psicanálise e que compõem o campo psicanalítico contemporâneo. A importância desse debate é que ele não se restringe a um preciosismo teórico; adotar ou não um ponto de vista pulsional implica diferentes concepções acerca do conflito psíquico e, conseqüentemente, influi de forma direta na intervenção psicanalítica, abrindo a possibilidade de abordagens clínicas diversas. É por isso que esta discussão, tão velha como a história da psicanálise, permanece ainda atual. A pulsão sempre foi pivô de debates calorosos e controvertidos; esta tese é um convite à continuidade do debate.